

HISTÓRIA PÚBLICA, MUSEUS E COMUNIDADES

Conexões Brasil-Argentina

Organizador:
Michel Kobelinski



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Michel Kobelinski
(Organizador)

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

HISTÓRIA PÚBLICA, MUSEUS E
COMUNIDADES:
Conexões Brasil-Argentina

*HISTORIA PÚBLICA, MUSEOS Y COMUNIDADES:
Conexiones Brasil-Argentina*

Editora CRV
Curitiba – Brasil
2024

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Designers da Editora CRV
Imagem de Capa: Freepik
Revisão: Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

H673

História pública, museus e comunidades: conexões Brasil-Argentina / Michel Kobelinski (organizador) – Curitiba : CRV, 2024.
344 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-251-6612-4

ISBN Físico 978-65-251-6613-1

DOI 10.24824/978652516613.1

1. História da América do Sul 2. História Pública 3. Museus 4. Redes colaborativas 5. Patrimônio. I. Kobelinski, Michel, org. II. Título III. Série

CDU 94(8)

CDD 980

Índice para catálogo sistemático
1. História da América do Sul – 980

2024

Foi feito o depósito legal conf. Lei nº 10.994 de 14/12/2004
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV
Todos os direitos desta edição reservados pela Editora CRV
Tel.: (41) 3029-6416 – E-mail: sac@editoracrv.com.br
Conheça os nossos lançamentos: www.editoracrv.com.br

Conselho Editorial: Comitê Científico:

- Aldira Guimarães Duarte Domínguez (UNB)
Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR/UFRN)
Anselmo Alencar Colares (UFOPA)
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Carlos Alberto Vilar Estêvão (UMINHO – PT)
Carlos Federico Dominguez Avila (Unieuro)
Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Celso Conti (UFSCar)
Cesar Gerónimo Tello (Univer. Nacional
Três de Febrero – Argentina)
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)
Eduardo Pazinato (UFRGS)
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)
Élsio José Corá (UFFS)
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Gloria Fariñas León (Universidade
de La Havana – Cuba)
Guillermo Arias Beatón (Universidade
de La Havana – Cuba)
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
João Adalberto Campato Junior (UNESP)
Josania Portela (UFPI)
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Lourdes Helena da Silva (UFV)
Luciano Rodrigues Costa (UFV)
Marcelo Paixão (UFRJ e UTexas – US)
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNOESC)
Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Mariah Brochado (UFMG)
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL-MG)
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Simone Rodrigues Pinto (UNB)
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Sydione Santos (UEPG)
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)
- Adriane Piovezan (Faculdades Integradas Espírita)
Alexandre Pierezan (UFMS)
Andre Eduardo Ribeiro da Silva (IFSP)
Antonio Jose Teixeira Guerra (UFRJ)
Antonio Nivaldo Hespanhol (UNESP)
Carlos de Castro Neves Neto (UNESP)
Carlos Federico Dominguez Avila (UNIEURO)
Edilson Soares de Souza (FABAPAR)
Eduardo Pimentel Menezes (UERJ)
Euripedes Falcao Vieira (IHGRRGS)
Fabio Eduardo Cressoni (UNILAB)
Gilmara Yoshihara Franco (UNIR)
Jairo Marchesan (UNC)
Jussara Fraga Portugal (UNEB)
Karla Rosário Brumes (UNICENTRO)
Leandro Baller (UFGD)
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEURO)
Luciana Rosar Fornazari Klanoviz (UNICENTRO)
Luiz Guilherme de Oliveira (UnB)
Marcel Mendes (Mackenzie)
Marcio Jose Ornat (UEPG)
Marcio Luiz Carreiri (UENP)
Maurilio Rompatto (UNESPAR)
Mauro Henrique de Barros Amoroso (FEBF/UERJ)
Michel Kobelinski (UNESPAR)
Rafael Guarato dos Santos (UFG)
Rosangela Aparecida de Medeiros
Hespanhol (UNESP)
Sergio Murilo Santos de Araújo (UFCEG)
Simone Rocha (UnC)
Sylvio Fausto Gil filho (UFPR)
Valdemir Antoneli (UNICENTRO)
Venilson Luciano Benigno Fonseca (IFMG)
Vera Lúcia Caixeta (UFT)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.



Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Em memória de Leopoldina Camargo Kobelinski (1943-2020).

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

AGRADECIMENTOS

Eu quero expressar minha gratidão aos colegas da Universidade Estadual do Paraná, que se tornaram o apoio fundamental para a realização desta tarefa. Sou profundamente grato a Nádia Moroz Luciani, Diretora do Escritório de Relações Internacionais (ERI), a João Marcos Borges Avelar, Diretor do Campus de Campo Mourão, a Alcemar Rodrigues Martello, Diretor do Campus de União da Vitória, e a Carlos Alexandre Molena Fernandes, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que se dedicaram incansavelmente para viabilizar parcerias e ampliar processos de internacionalização e de redes de pesquisa. Menção especial à Raquel Silvano Almeida, do Centro de Escrita Acadêmica (CALE), e equipe – Unespar-Apucarana, pelo texto traduzido para o espanhol e pela tradução de um texto do inglês para o português, mesmo que este não tenha sido publicado. Nem todas as nossas projeções se materializam, mas todas são importantes e legítimas.

Aos colegas do Programa de Mestrado em História Pública, professores Ângelo Aparecido Priori, Cláudia Priori, Bruno Flávio Lontra Fagundes, Claudia Priori, Cyntia Simioni Franca, Fábio André Hahn, Federico José Alvez Cavanna, Frank Antonio Mezzomo, Jorge Pagliarini Junior, Ricardo Marques de Mello, Ricardo Tadeu Caires Silva, Eulália Maria Aparecida e Marcos Roberto Pirateli, meu reconhecimento pelo incentivo e participação nas atividades acadêmicas e científicas no Brasil e na Argentina, viabilizadas pelo Convênio de Cooperação Científica UNQ/UNESPAR. Juntos, construímos pontes de conhecimento e cultura, fortalecendo nossa comunidade acadêmica e promovendo um futuro colaborativo e inclusivo.

Meu apreço aos colegas do Colegiado de História de União da Vitória, pelo suporte e por assumirem atividades acadêmicas durante minha Licença Prêmio e Licença Sabática, em 2023: Alexandre Rodrigues, Everton Grein, Jefferson William Gohl, Kelly Cristina B. Viana, Naiara B. Krachenski, Priscila Cozer, Wanilton Tadeu Dudek e Zuleide Maria Matulle. A dedicação e o comprometimento de cada um de vocês foram fundamentais para a continuidade de nossas atividades acadêmicas.

Agradeço imensamente todo o apoio, instalação e acolhimento que recebi na Universidade Nacional de Quilmes. Entre as pessoas amáveis e receptivas que encontrei por lá, estão Alfredo Alfonso, Magnífico Reitor da UNQ, Néstor Daniel González, Diretor do Departamento de Ciências Sociais, Gisela Andrade, Diretora do Mestrado em História Pública y Divulgación de la Historia e equipe, María Lucía Abbattista, Coordenadora Acadêmica, e os professores da Comissão Acadêmica, Alejandra Fabiana Rodríguez, Karina Roberta Vásquez, Norberto Leonardo Murolo e Alejandra Evelina De Arce. Esse agradecimento também vai para Alexandra Fabiana Rodríguez, Marisa Alonso, Karina Ramacciotti, Alejandro Hernan Morea, Martha Rodríguez, Mariana Paganini, Susana de Luque e Leonardo Norberto Murolo. Agradeço a oportunidade de participar da seleção de Proyectos de Construcción de Narrativas y Acciones de Historia Pública y Divulgación Social de la Historia, certame 2022. Agradeço a Karina Ramacciotti e Eduardo Romano pela participação

na pesquisa de história oral, “Memoriales públicos contemporáneos: sentimientos públicos de duelo a partir del Covid-19 en Plaza de Mayo y Plaza de la Universidad Nacional de Quilmes”. Esse reconhecimento se dirige para os alunos de graduação e Pós-Graduação dos campi de Campo Mourão e União da Vitória. A todos, meu agradecimento pela dedicação e apoio. Seu trabalho árduo e comprometimento são a base do nosso progresso contínuo.

Não poderia deixar de mencionar os colaboradores e parceiros que contribuíram direta e indiretamente para a publicação deste livro. Agradeço aos pesquisadores e colegas por suas valiosas contribuições e pelo que ficou em suspensão. A suspensão não deve ser vista como um fim em si mesmo, mas como um ponto de partida para repensar os processos executados e reavaliar novas possibilidades. Pensando nas conexões além do eixo Brasil-Argentina, é vital destacar atividades de grande impacto e relevância no “campo” da história pública. As parcerias foram fundamentais para que livro se materializasse. Agradeço à Jimena Perry, da Federação Internacional de História Pública, por estabelecer espaço na seção Explorers, fortalecendo os diálogos entre professores e pesquisadores da UNQ e UNESPAR.

Igualmente importante é lembrar dos processos colaborativos através da Public History Weekly, edição *Public History in Brazil*, novembro de 2022, organizada por mim e por Juniêle Rabelo de Almeida, que contou com a colaboração de Lucía Abbattista e Mariana Paganini. Da mesma maneira sou devedor de Rogério Rosa, que participou desta edição. Agradeço também a Marko Demantowsky e aos colegas dos Conselhos Consultivos da revista e ao pessoal de apoio, cujas contribuições foram essenciais para o sucesso dessa edição. Eu lamento profundamente que esta revista tenha sido descontinuada neste ano.

Agradeço a Maria Helena Bedoya pelo convite para participar do Mestrado em Museologia e Patrimônio na Universidade Andina Simón Bolívar, Quito, Equador, em 2022. Louvável foi nossa participação no livro organizado por Bedoya e Perry, em 2023, *Comunidades Digitales, Museos e Historia Pública: Experiencias en Torno a América Latina*, pelas editoras de Bogotá-Quito: USFQ PRESS e Editorial Universidad Externado de Colômbia-Bogotá.

Agradeço a Renê Wagner Ramos por participar deste projeto e pelo excelente trabalho que vem desenvolvendo junto à Coordenação de Ensino Superior da Superintendência Geral de Ciências, Tecnologia e Ensino Superior para Cultura e Museus, no Estado do Paraná.

Agradecimentos especiais para Cecília Simon – Universidade Nacional del Sur – e Ana Cristina Martins (Universidade de Évora) pelo convite para apresentar o tema *Histórias, Artes y Público: Oportunidades y Retos* no 4º Ciclo Internacional de Videoconferências, Quando a Ciência e a Tecnologia se Cruzam com as Artes e Letras, em novembro de 2023. Expresso minha gratidão a Fábio Hahn, que incentivou e confiou a mim este projeto editorial, e igualmente a Jorge Pagliarini Junior por dar continuidade ao processo de publicação. Aos colegas da Rede Brasileira de História Pública e da Federação Internacional de História Pública pelos contatos, encontros e reencontros no evento de História Pública em Bernal, Argentina.

Agradeço às editoras Fundación Proa (Argentina) e MUAC (México) pela autorização para publicação do texto de Germán Paley.

Eu sou muito agradecido aos meus criativos colegas do curso de especialização em Museopedagogia, especialmente na disciplina *O Museu Humano*, do Instituto Mexicano de Curaduría y Restauración. A colaboração conjunta e criativa na elaboração da “Declaração Coletiva para Museus Mais Humanos” para o Dia Internacional dos Museus foi uma experiência de aprendizado inestimável para mim. Aprendi muito com todos: Alma Regina Irigoyen García (México), Cecilia Bertolini Pita (Uruguay), Emilia Gabriela Sosa Iriarte (Ecuador), Fátima González Cosío (México), Fernanda Silva (Chile), Gloria Stella Cano García (Colombia), Janelle Serrano Rodríguez (Perú), Katia López Vertti (México), Luis Pablo Orozco Varela (Costa Rica), Maria Amália Simão Martins del Valle Monsalve (Portugal), Mayra Rojano Ballesteros (México), Miguel Pérez González (México), Patricia Verónica Ahumada (Argentina), Romina Soledad Herrera (Argentina), Yanoa Pomalima Carrasco (Perú) e Katerine Adela Albornoz Tamara (Perú). Agradecimento extensivo a Cristina Martínez Avendaño (arte e design) e Germán Paley (coordenação e acompanhamento editorial). Eu estendo os meus agradecimentos a Cristina Martínez Avendaño, pelo seu valioso trabalho em arte e design, e a Germán Paley, pela coordenação e acompanhamento editorial que foram essenciais para a realização deste importante manifesto. Meu sincero reconhecimento e apreço a todos!

Um agradecimento especial à minha amada esposa Lidiana Larissa Lenchiski, pela compreensão e apoio durante minha ausência nos momentos de estadia na Argentina em 2023 para desenvolver a pesquisa. Seu suporte foi fundamental para que eu pudesse me dedicar plenamente a este projeto e a enfrentar uma catástrofe climática com inundação de minha casa e de parte da cidade de União da Vitória.

Gostaria de agradecer em particular aos autores que fizeram parte deste volume. Suas ideias fizeram deste volume um trabalho científico e acadêmico de valor inestimável. Obrigado pelo árduo trabalho e esforço em cada capítulo, o que fez deste projeto um sucesso. E por último, mas não menos importante, agradeço a você, leitor, cuja paixão pela história pública a mantém viva e relevante.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

AGRADECIMIENTOS

Me gustaría expresar mi gratitud a los colegas de la Universidad Estatal de Paraná, que se convirtieron en el apoyo fundamental para la realización de esta tarea. Estoy profundamente agradecido a Nádia Moroz Luciani, Directora de la Oficina de Relaciones Internacionales (ERI), a João Marcos Borges Avelar, Director del Campus de Campo Mourão, a Alcemar Rodrigues Martello, Director del Campus de União da Vitória, y a Carlos Alexandre Molena Fernandes, Pro-Rector de Investigación y Posgrado, quienes se dedicaron incansablemente a viabilizar asociaciones y ampliar procesos de internacionalización y redes de investigación. Una mención especial a Raquel Silvano Almeida, del Centro de Escritura Académica (CALE), y a su equipo – Unespar-Apucarana, por el texto traducido al español y por la traducción de un texto del inglés al portugués, aunque este no haya sido publicado. No todas nuestras proyecciones se materializan, pero todas son importantes y legítimas.

A los colegas del Programa de Maestría en Historia Pública, profesores Ângelo Aparecido Priori, Cláudia Priori, Bruno Flávio Lontra Fagundes, Claudia Priori, Cyntia Simioni Franca, Fábio André Hahn, Federico José Alvez Cavanna, Frank Antonio Mezzomo, Jorge Pagliarini Junior, Ricardo Marques de Mello, Ricardo Tadeu Caires Silva, Eulália Maria Aparecida y Marcos Roberto Pirateli, mi reconocimiento por el incentivo y participación en las actividades académicas y científicas en Brasil y en Argentina, viabilizadas por el Convenio de Cooperación Científica UNQ/UNESPAR. Juntos, construimos puentes de conocimiento y cultura, fortaleciendo nuestra comunidad académica y promoviendo un futuro colaborativo e inclusivo.

Mi agradecimiento a los colegas del Colegio de Historia de União da Vitória, por el apoyo y por asumir actividades académicas durante mi Licencia Premio y Licencia Sabática en 2023: Alexandre Rodrigues, Everton Grein, Jefferson William Gohl, Kelly Cristina B. Viana, Naiara B. Krachenski, Priscila Cozer, Wanilton Tadeu Dudek y Zuleide Maria Matulle. La dedicación y el compromiso de cada uno de ustedes fueron fundamentales para la continuidad de nuestras actividades académicas.

Agradezco inmensamente todo el apoyo, instalación y acogida que recibí en la Universidad Nacional de Quilmes. Entre las personas amables y receptivas que encontré allí, están Alfredo Alfonso, Magnífico Rector de la UNQ, Néstor Daniel González, Director del Departamento de Ciencias Sociales, Gisela Andrade, Directora de la Maestría en Historia Pública y Divulgación de la Historia y su equipo, María Lucía Abbattista, Coordinadora Académica, y los profesores de la Comisión Académica, Alejandra Fabiana Rodríguez, Karina Roberta Vásquez, Norberto Leonardo Murolo y Alejandra Evelina De Arce. Este agradecimiento también va para Alexandra Fabiana Rodríguez, Marisa Alonso, Gisela Andrade, Karina Ramacciotti, Alejandro Hernan Morea, Martha Rodríguez, Mariana Paganini, Susana de

Luque y Leonardo Norberto Murolo. Agradezco por la oportunidad de participar en la selección de Proyectos de Construcción de Narrativas y Acciones de Historia Pública y Divulgación Social de la Historia, certamen 2022. Agradezco a Karina Ramacciotti y Eduardo Romano por la participación en la investigación de historia oral, “Memoriales públicos contemporáneos: sentimientos públicos de duelo a partir del Covid-19 en Plaza de Mayo y Plaza de la Universidad Nacional de Quilmes”. Este reconocimiento se extiende a los alumnos de pregrado y Posgrado de los campus de Campo Mourão y União da Vitória. A todos, mi agradecimiento por la dedicación y el apoyo. Su arduo trabajo y compromiso son la base de nuestro progreso continuo.

No podría dejar de mencionar a los colaboradores y socios que contribuyeron directa e indirectamente a la publicación de este libro. Agradezco a los investigadores y colegas por sus valiosas contribuciones y por lo que quedó en suspensión. La suspensión no debe verse como un fin en sí mismo, sino como un punto de partida para repensar los procesos ejecutados y reevaluar nuevas posibilidades. Pensando en las conexiones más allá del eje Brasil-Argentina, es vital destacar actividades de gran impacto y relevancia en el “campo” de la historia pública. Las asociaciones fueron fundamentales para que este libro se materializara. Agradezco a Jimena Perry, de la Federación Internacional de Historia Pública, por establecer espacio en la sección Explorers, fortaleciendo los diálogos entre profesores e investigadores de la UNQ y UNESPAR.

Igualmente, importante es recordar los procesos colaborativos a través de Public History Weekly, edición Public History in Brazil, noviembre de 2022, organizada por mí y por Juniêle Rabelo de Almeida, que contó con la colaboración de Abbattista, María Lucía y Mariana Paganini. También estoy en deuda con Rogério Rosa, que ha participado en esta edición. Agradezco también a Marko Demantowsky y a los colegas de los Consejos Consultivos de la revista y al personal de apoyo, cuyas contribuciones fueron esenciales para el éxito de esta edición. Lamento profundamente que esta revista haya sido descontinuada este año.

Agradezco a Maria Helena Bedoya por la invitación a participar en la Maestría en Museología y Patrimonio en la Universidad Andina Simón Bolívar, Quito, Ecuador, en 2022. Loable fue nuestra participación en el libro organizado por Bedoya y Perry, en 2023, Comunidades Digitales, Museos e Historia Pública: Experiencias en Torno a América Latina, por las editoras de Bogotá-Quito: USFQ PRESS y Editorial Universidad Externado de Colombia-Bogotá.

Me gustaría agradecer a Renê Wagner Ramos su participación en este proyecto y el excelente trabajo que viene realizando con la Coordinación de Enseñanza Superior de la Superintendencia General de Ciencia, Tecnología y Enseñanza Superior de Cultura y Museos del Estado de Paraná.

Agradecimientos especiales para Cecilia Simon – Universidad Nacional del Sur – y Ana Cristina Martins (Universidad de Évora) por la invitación a presentar el tema Historias, Artes y Público: Oportunidades y Retos en el 4º Ciclo Internacional de Videoconferencias, Cuando la Ciencia y la Tecnología se Cruzan con las

Artes y Letras, en noviembre de 2023. Expreso mi gratitud a Fábio Hahn, que me incentivó y confió en mí este proyecto editorial, e igualmente a Jorge Pagliarini Junior por dar continuidad al proceso de publicación. A los colegas de la Red Brasileña de Historia Pública y de la Federación Internacional de Historia Pública por los contactos, encuentros y reencuentros en el evento de Historia Pública en Bernal, Argentina.

Estoy muy agradecido a mis ingeniosos colegas del curso del Diplomado en Museopedagogía, especialmente del curso-taller *El Museo Humano*, del Instituto Mexicano de Curaduría y Restauración. La colaboración conjunta y creativa en la elaboración de la “Declaración Colectiva para Museos Más Humanos” para el Día Internacional de los Museos fue una experiencia de aprendizaje inestimable para mí. Aprendí mucho con todos: Alma Regina Irigoyen García (México), Cecilia Bertolini Pita (Uruguay), Emilia Gabriela Sosa Iriarte (Ecuador), Fátima González Cosío (México), Fernanda Silva (Chile), Gloria Stella Cano García (Colombia), Janelle Serrano Rodríguez (Perú), Katia López Vertti (México), Luis Pablo Orozco Varela (Costa Rica), Maria Amália Simão Martins del Valle Monsalve (Portugal), Mayra Rojano Ballesteros (México), Miguel Pérez González (México), Patricia Verónica Ahumada (Argentina), Romina Soledad Herrera (Argentina), Yanoa Pomalima Carrasco (Perú) y Katerine Adela Albornoz Tamara (Perú). Extiendo mis agradecimientos a Cristina Martínez Avendaño por su valioso trabajo en arte y diseño, y a Germán Paley por la coordinación y el acompañamiento editorial que fueron esenciales para la realización de este importante manifiesto. Mi sincero reconocimiento y aprecio a todos.

Un agradecimiento especial a mi amada esposa Lidiana Larissa Lenchiski, por su comprensión y apoyo durante mi ausencia en los momentos de estadía en Argentina en 2023 para desarrollar la investigación. Su apoyo fue fundamental para que pudiera dedicarme plenamente a este proyecto y enfrentar una catástrofe climática con la inundación de mi casa y parte de la ciudad de União da Vitória.

Me gustaría agradecer en particular a los autores que formaron parte de este volumen. Sus ideas hicieron de este volumen un trabajo científico y académico de valor inestimable. Gracias por el arduo trabajo y esfuerzo en cada capítulo, lo que hizo de este proyecto un éxito. Y, por último, pero no menos importante, agradezco a usted, lector, cuya pasión por la historia pública la mantiene viva y relevante.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

La pandemia de COVID-19 dio a la enfermería una visibilidad pocas veces experimentada hasta entonces dado que enfermeras y enfermeros fueron quienes oficiaron de “primera línea de batalla” frente al virus desconocido de escala global y fueron quienes vacunaron en la campaña sanitaria más importante de la historia.

En este contexto tan excepcional, nos propusimos recuperar el lugar central de la enfermería en el cuidado profesional de la salud desde el punto de vista de sus propios protagonistas y nos abocamos a investigar respecto de qué modo tanto la formación como el trabajo de enfermería se verían afectados.

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

SUMÁRIO

PRESENTACIÓN POR UNA HISTORIA PÚBLICA LATINOAMERICANA.....	23
<i>Michel Kobelinski</i>	

APRESENTAÇÃO POR UMA HISTÓRIA PÚBLICA LATINO-AMERICANA.....	35
<i>Michel Kobelinski</i>	

SEÇÃO 1 MUSEUS E COMUNIDADES

DECLARACIÓN COLECTIVA HACIA MUSEOS MÁS HUMANOS.....	51
<i>Germán Paley</i>	
DECLARAÇÃO COLETIVA PARA MUSEUS MAIS HUMANOS.....	53
<i>Germán Paley</i>	

1

MUSEU MAIS HUMANO PENSAMENTOS HERÉTICOS PARA A REINVENÇÃO MUSEAL.....	61
<i>Germán Paley</i>	

2

¿POR QUÉ Y CON QUIÉN COMPARTIR EXPERIENCIAS E HISTORIAS EN MUSEOS?	73
<i>Michel Kobelinski</i>	

3

LOS USOS DE LA HISTORIA PÚBLICA EN LOS MUSEOS. UNA APROXIMACIÓN AL ESTUDIO DEL MUSEO MUNICIPAL DE ARTE DECORATIVO “FIRMA Y ODILO ESTEVEZ” DE LA CIUDAD ROSARIO DURANTE LA SEGUNDA GESTIÓN DE PEDRO A. SINÓPOLI (1984-2006).....	93
<i>Ana Laura Brizzi</i>	

4

“EL MUSEO COMUNITARIO DE ALTZAYANCA, TLAXCALA, UN ESPACIO QUE EXISTE Y RESISTE”	111
<i>Mayra Rojano Ballesteros</i>	

5	EL MUNDO EN MIS OJOS: un proyecto con jóvenes para la construcción de memorias y patrimonios en los barrios Stella Maris y 9 de noviembre (Bahía Blanca, Argentina).....	137
	<i>Camila Marinetti</i>	
	<i>Evelyn Arriagada</i>	
	<i>Natalia M. Lunazzi</i>	
	<i>Alejandra Pupio</i>	
	<i>Cecilia Simón</i>	
	<i>Candela Roteta Lannes</i>	

SEÇÃO 2 PATRIMÔNIO, EDUCAÇÃO E CONTROVÉRSIAS

6	LA HISTORIA PÚBLICA FRENTE A LA COLONIALIDAD PATRIMONIAL: contestación de monumentos, paisaje urbano e historia de la memoria	167
	<i>André Ranucci</i>	
	<i>Juniele Rabêlo de Almeida</i>	
	<i>Ricardo Santhiago</i>	
7	PATRIMÔNIOS CONTESTADOS NO BRASIL O MONUMENTO A OLAVO BILAC NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA (1922-1966).....	187
	<i>José Ricardo Oriá Fernandes</i>	
8	HISTORIA PÚBLICA, HISTORIA ESCOLAR Y PATRIMONIALIZACIÓN COMUNITÁRIA	201
	<i>Gisela Andrade</i>	
	<i>Mariana Paganini</i>	
9	HISTÓRIA PÚBLICA E IMAGINAÇÃO INFANTIL	219
	<i>Rogério Rosa Rodrigues</i>	
10	CURSOS DE HISTÓRIA PÚBLICA E DE HISTÓRIA UMA REFLEXÃO SOBRE UM SAUDÁVEL CONVÍVIO	237
	<i>Bruno Flávio Lontra Fagundes</i>	

SEÇÃO 3
NARRATIVAS, VIOLÊNCIAS E ACERVOS

11
IMÁGENES DE LA VIOLENCIA
HISTORIA PÚBLICA, DENUNCIA Y REPARACIÓN EN
DOCUMENTALES ARGENTINOS CONTEMPORÁNEOS..... 259
Alejandra Fabiana Rodriguez

12
“BASED ON A TRUE STORY”
HISTÓRIAS MARGINAIS, HISTÓRIA PÚBLICA EM PODCAST 279
Viviane Trindade Borges
Carolina Wanderley Van Parys de Wit

13
COMO SÃO AS HISTÓRIAS CONTADAS POR PREFEITURAS?
TEMÁTICAS E TEMPORALIDADES DAS NARRATIVAS PÚBLICAS
DOS SITES DE PREFEITURAS MUNICIPAIS DO ESTADO DO
PARANÁ (2018-2020)..... 293
Jorge Pagliarini Junior
Thiago Reisdorfer

14
OS ACERVOS PÚBLICOS:
o caso do ex-governador Bento Munhoz da Rocha Netto 313
René Wagner Ramos

ÍNDICE REMISSIVO 329

SOBRE AUTORAS, AUTORES, AUTOR@S E AUTORXS..... 335

EL MUNDO EN MIS OJOS: un proyecto con jóvenes para la construcción de memorias y patrimonios en los barrios Stella Maris y 9 de noviembre (Bahía Blanca, Argentina)

Camila Marinetti
Evelyn Arriagada
Natalia M. Lunazzi
Alejandra Pupio
Cecilia Simón
Candela Roteta Lannes

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

Introducción

El mundo en mis ojos fue uno de los proyectos territoriales del Programa *Arqueología en cruce* (AEC) perteneciente al Departamento de Humanidades de la Universidad Nacional del Sur desarrollado durante cuatro años (2019-2022)¹. Desde el año 2003, este espacio reúne a investigadoras², docentes, artistas y estudiantes que nos posicionamos desde el campo de la arqueología pública³ entendida como una herramienta reflexiva y de acción dirigida hacia la concientización e inter-implicación entre sociedad y labor arqueológica (Salerno, 2013). Aunque su dimensión pública es un aspecto fundante y presente desde la etapa inicial de la disciplina en el siglo XX, el retorno a la democracia en 1983 significó un punto de inflexión que la ubicó como un tema relevante en la agenda de las universidades al igual que la extensión. Tal como indican Pupio y Colombo (2020), es por este devenir paralelo que la arqueología pública comparte un conjunto de presupuestos con la extensión crítica⁴. Principalmente el sentido político de su praxis, comprometida con la transfor-

- 1 Dirigido por Alejandra Pupio y financiado por la Secretaría de Extensión Universitaria de la Universidad Nacional del Sur y por la Fundación Williams (Pupio; Marinetti; López, 2022).
- 2 Si bien a lo largo de este trabajo, en reiteradas ocasiones, referimos a colectivos de personas de distintos sexos mediante el género gramatical masculino, eso no implica ninguna intención discriminatoria por parte de las autoras, sino que solo se realiza por razón de economía expresiva.
- 3 En Argentina esta subdisciplina se nombró como tal en el Congreso Nacional de Arqueología Argentina del año 2004 (Pupio; Salerno, 2014).
- 4 Esta conceptualización abrevia en la pedagogía de Freire (1969), quien propuso reemplazar el concepto de extensión por el de comunicación entendiendo la acción y la reflexión unidas dialécticamente en el modo

mación social, desde una perspectiva de derechos y a través de prácticas multivocales (Tommasino; Rodríguez, 2010).

En esta intersección surgió *Caminar, mirar y escribir el barrio desde la arqueología/Stella Maris-9 de noviembre* (2019-2022) como parte del área *Acciones nómades* del Programa AEC⁵. En conjunto con el Programa Envión, nuestro objetivo fue colaborar en la construcción de otros relatos sobre el barrio considerando a los jóvenes como sujetos productores de conocimientos⁶. Para esto, se planificaron mapeos sociales, talleres de arqueología y fotografía, diálogos con poetas y reuniones comunitarias que finalizaron en el diseño de una página Web del proyecto y en la inauguración de la exposición de fotopoesías *El mundo en mis ojos. Una imagen, una palabra: definir lo infinito*, inaugurada en la sede barrial de esa institución el 20 de septiembre de 2022. Estas acciones permitieron la reflexión sobre las miradas estigmatizantes que recaen sobre las juventudes que habitan ese territorio y facilitaron la construcción de otros relatos posibles.

El propósito del capítulo es presentar un conjunto de prácticas y narrativas articuladas en el espacio público bahiense durante los cuatro años del proyecto, que generaron unas formas particulares de conocer lugares, objetos y personas. Nuestra intención es situar y contar el proceso de trabajo durante ese tiempo a través de distintos registros (etnográficos⁷, literarios⁸ y fotográficos) como

en el que los seres humanos producimos conocimiento.

- 5 AEC contiene varias áreas de trabajo: Acciones nómades, Producción de textos y propuestas educativas, Colecciones 3D, Teatro&Performance y Cartografías del terrorismo de estado (Roteta Lannes; Pupio, 2024). Si bien las primeras acciones estuvieron enfocadas en la producción de textos para docentes y niñeces (Flegenheimer; Bayón; Pupio, 2006, Iannamico; Pupio, 2008) y de un guion para una obra de teatro de títere, desde el año 2009 nuestra acción se concentra en el área Acciones nómades. Se trata de un proyecto educativo trashumante que propone escenarios colaborativos para la construcción de saberes con instituciones sociales de barrios de Bahía Blanca.
- 6 El Programa surgió en el año 2010 y forma parte del Sistema de Promoción y Protección de los Derechos de Niños/as y Adolescentes implementado en el territorio de la provincia de Buenos Aires que destina recursos públicos y privados para la protección y promoción de los derechos de jóvenes de entre 12 y 17 años. Se trata de una política pública que se orienta a la inclusión educativa y laboral. Este dispositivo de co-responsabilidad provincial-municipal trabaja en la promoción y protección de los derechos de niñas, niños y adolescentes. Tiene como objetivo lograr la inclusión socioeconómica, política y cultural de jóvenes en situación de vulnerabilidad social a través de estrategias de contención, acompañamiento y fortalecimiento de trayectorias. Focaliza la atención en tres áreas en particular: acceso a la salud, la educación y el trabajo desde una perspectiva multidimensional. Para ello, cada sede cuenta con un equipo técnico interdisciplinario y talleristas. En Bahía Blanca cuenta con seis sedes ubicadas en los barrios: Stella Maris-9 de noviembre, Harding Green, Saladero-Boulevard, Caracol-Bajo Rondeau, Spurr y Duprat-Norte. Para estudios específicos sobre el Envión como política pública dirigida a jóvenes ver: Bustos, 2017; Torres, 2018; Perilli, 2023.
- 7 El grupo de personas que escribió este artículo está compuesto por docentes universitarias, egresadas de la UNS en carreras de humanidades con trabajo de campo extensionista en el Envión y una doctoranda en antropología con más de diez años de coordinación general del Programa Envión en la ciudad de Bahía Blanca. Los registros de campo, las entrevistas etnográficas y los grupos focales realizados durante la ejecución del proyecto componen el corpus etnográfico.
- 8 A lo largo del artículo, se hace referencia al registro literario como fuente para la construcción de la historia del proyecto y los patrimonios barriales. En este caso, el corpus documental está compuesto por las fotopoesías

oportunidad para plantear algunas consideraciones teóricas sobre nuestra *praxis* histórica y arqueológica. Así mismo, la construcción de memorias y patrimonios nos puso en diálogo transdisciplinario con la historia en su vertiente pública. Ambas disciplinas tuvieron sus orígenes internacionales en la década de 1970 (Ashton, 2023; Cauvin, 2020; Merriman, 2004; Torres-Ayala, 2020). En el contexto argentino han tenido devenires institucionales diferentes, aunque en líneas generales los subcampos hacen referencia a las acciones que se generan fuera del espacio académico en relación con las comunidades locales y con una agenda de investigación que indaga sobre estos vínculos. Especialmente, la historia pública se encuentra en el proceso de construcción de un objeto de estudio y la discusión en torno a sus operaciones metodológicas. Sin embargo, el I Congreso Internacional de Historia Pública y Divulgación durante el 2023 fue un terreno fértil para el intercambio de experiencias entre distintos grupos que se encuentran explorando el vínculo con las comunidades (Abbattista; Andrade; Rodriguez, 2023). Los cruces entre estas ciencias motivaron la elaboración de este texto en cuyas páginas procuramos explicitar esta comunión teórica dirigida por la investigación-acción (Fals Borda, 2007).

En el primer apartado, nos dedicamos a reconstruir la escena institucional que tiene por protagonistas a los jóvenes a la vez que revisamos la categoría de juventud y su potencial como público de la ciencia. En *¿Qué historia contar de los barrios?* explicamos el enfoque que orientó el sentido de la acción que abordamos en *Bitácora de un viaje*. Allí nos enfocamos con detalle en el mapeo social, la fotografía de paisajes barriales y la construcción de una muestra de fotopoesía en el Enviñón. En la conclusión nos referimos al vínculo interdisciplinario entre la historia y la arqueología pública a través de la experiencia de trabajo con los jóvenes.

Los jóvenes como públicos de la ciencia

El mundo en mis ojos se trató de un proyecto de comunicación de la ciencia protagonizado por jóvenes. La vida cotidiana de todos ellos transcurre en la ciudad de Bahía Blanca, ubicada a 700 km al suroeste de la capital del país en la provincia de Buenos Aires, Argentina. Se trata de un centro urbano de tamaño intermedio con una población que ronda los 335.190 habitantes según el Censo Nacional 2022-INDEC que muestra agregados migratorios de proveniencia europea hasta la primera mitad del siglo XX y de países limítrofes como Chile y Bolivia desde la década de 1960⁹. Es un nodo de comunicaciones y transporte a escala regional e importante centro de servicios con un puerto de gran calado y vinculación internacional. Además, la fundación de la UNS y la Universidad Tecnológica Nacional

y las narraciones producidas para la página web del proyecto <https://elmundoenmisojos2022.wordpress.com/>. En este sitio, se aloja toda la producción visual generada durante el proyecto.

9 Instituto Nacional de Estadísticas y Censos de la República Argentina. <https://www.indec.gob.ar/>

la transformó en un núcleo educativo relevante en el sur provincial. A pesar de ser un polo de desarrollo industrial y académico que moviliza capitales y recursos hacia otros lugares, su estructura urbana muestra una distribución desigual de esos beneficios como indican la fragmentación socio-territorial y segregación residencial (Perez, 2007; Prieto, 2008; Urriza, 2016). Estas diferencias y desigualdades internas se traducen en la localización de los grupos sociales menos favorecidos en las áreas marginales del sur y noreste de la ciudad.

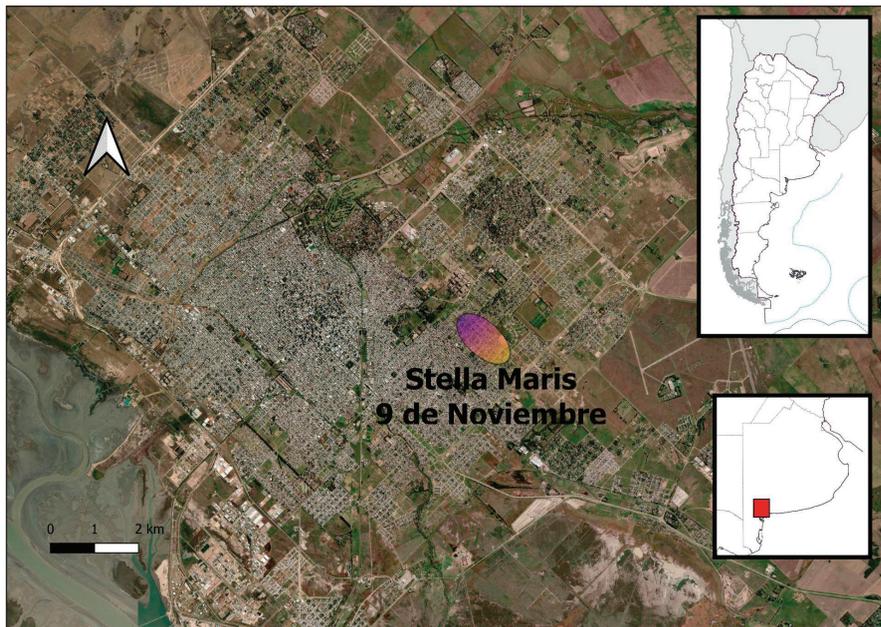
Los jóvenes participantes del proyecto son vecinos de los barrios Stella Maris y 9 de Noviembre, ubicados en la Delegación Las Villas, a 6 kilómetros del centro comercial de la ciudad (Figura 1). El surgimiento de cada uno se produce en las décadas de 1980 y 1990, asociados con el accionar de Cáritas¹⁰ en el contexto de crisis social y económica de fin de siglo¹¹. Según el Registro Público Provincial de Villas y Asentamientos, son categorizados como urbanizaciones informales que se localizan en tierras organizadas colectivamente donde fueron formalizando las redes de servicios públicos de manera paulatina. Entre los dos suman una cantidad de 1200 viviendas y 52 mil habitantes aproximadamente (Subsecretaría de Hábitat de la Comunidad, 2015).

La población de estos barrios comparte una serie problemáticas derivadas de las condiciones de pobreza, desempleo, precariedad habitacional, segregación socio-residencial y estigmatización que se articulan a escala individual, familiar y comunitaria (Walker *et al.*, 2021; Godoy *et al.* 2014; Prieto, 2008). Un estudio estadístico sobre las oportunidades educativas en ese contexto (Walker *et al.*, 2021) correlaciona el deterioro de las condiciones de trabajo, salud y educación con la integración social, la calidad y las expectativas de vida de los jóvenes. En porcentajes: aproximadamente el 41 % de los niños, niñas y adolescentes residen en hogares cuyo jefe tiene un trabajo inestable; entre un 9% y un 12% de los jóvenes en edad de asistir al nivel secundario declara haberlo abandonado por distintos factores; y un 47,2 % de los menores de edad colabora en el hogar o está a cargo de hermanos más pequeños. Estos indicadores evidencian una menor disponibilidad de tiempo para realizar actividades recreativas, lúdicas y educativas y una transición temprana de los sujetos hacia el mercado de trabajo o hacia las tareas de cuidado (Walker *et al.*, 2021).

10 Es una organización internacional de la Iglesia Católica que se encuentra en Argentina desde mediados de la década de 1950. La conforman voluntarios y agentes de trabajo que según sus lineamientos “trabajan para dar respuesta a las problemáticas sociales que derivan de la pobreza”. A través del aporte económico de sus socios, la iglesia y de donaciones, esta organización implementa programas enfocados en: educación, primera infancia, economía social y solidaria, adicciones, hábitat, respuesta alimentaria y ayuda inmediata ante situaciones de extrema pobreza o emergencias climáticas. Ver: <https://caritas.org.ar/quienes-somos/>

11 Desde sus inicios, los vecinos desarrollaron estrategias colectivas para lograr la restitución de derechos sociales. Con este propósito, los propios pobladores protagonizaron luchas por la apropiación de espacios públicos situados en tierras fiscales y de organizaciones eclesíásticas.

Figura 1 – En la figura se observa la ciudad de Bahía Blanca desde una imagen satelital. La elipse coloreada indica los barrios Stella Maris y 9 de noviembre donde se ubica la sede del Envi3n donde se realiz3 el proyecto El mundo en mis ojos. Adem3s, se referencia la ciudad en su ubicaci3n provincial y nacional



Fuente: Diseño de las autoras.

Por consiguiente, la situación de los jóvenes muestra un proceso de vulnerabilización de derechos producto de un modelo social neoliberal que expande y consolida la exclusión social a medida que avanza el siglo (Fernández; López, 2005). Esto recrudece el debilitamiento y pérdida de lazos sociales que mantienen y definen la pertenencia a una sociedad y perjudica su acceso y goce de derechos relativos a la cultura y a la ciencia.

Los estudios sobre recepción de la ciencia no hacen más que corroborar la asimetría de oportunidades en relación con el goce y acceso a los bienes simbólicos de la ciencia. Polino (2019) en su análisis de la Encuesta Nacional de Percepción Pública de la ciencia señala que los individuos atentos a temas de ciencia y tecnología se ubican entre los grupos sociales más alcanzados por sus beneficios: los argentinos con estudios superiores y con nivel social y económico (NSE) medio alto son quienes tienen seis veces más de probabilidades de formar parte de ese perfil que los de NSE bajo y con estudios básicos. Estas diferencias porcentuales también se replican en preguntas dirigidas a medir las visitas a museos, bibliotecas, zoológicos, acuarios, reservas y parques naturales y participación en actividades de semanas de las ciencias. Los datos obtenidos indican que la exclusión cultural es especialmente visible en los segmentos más

desprotegidos de la población y sus consecuencias conspiran contra el desarrollo de una cultura científica democrática. Esta información brindada por la Encuesta Nacional incluye el segmento de jóvenes entre los 18 y los 29 años (Cejas; Gimeno, 2022).

La atención estatal a estos procesos de acumulación de viejas y nuevas desventajas ha movilizó políticas públicas tendientes a contrarrestar la desigualdad que opera y se expresa en las biografías de estos sujetos. Entre ellas, la instalación del Programa Envión en el barrio fue una medida con fuerte arraigo territorial que se constituyó en un lugar de referencia y de pertenencia para toda una generación de adolescentes. La presencia del Programa promovió la construcción de espacios comunes para recuperar o reactivar la trama de lazos sociales debilitada por la exclusión social. De esta forma, asistir al Envión involucra la oportunidad de desplegar su identidad, sus deseos y necesidades a través del lenguaje artístico y con un sentido comunitario.¹² Un ejemplo concreto de esto fue la interpelación barrial e identitaria en el marco del Programa Jóvenes y Memoria¹³.

Dado que la garantía de derechos involucra múltiples aspectos de la vida y por lo tanto diversos sectores estatales, una de sus estrategias es el establecimiento de vínculos interinstitucionales y con organizaciones de la sociedad civil. Desde la óptica *envionera*, la universidad está vista como una institución prestigiosa que acumula capital cultural y simbólico, por lo que una articulación con ella es una posibilidad para participar en este circuito mientras que el programa atiende la emergencia. En este escenario, se inauguró un espacio de concurrencia y colaboración con AEC en el marco de la extensión universitaria como parte del desarrollo de proyectos de inclusión educativa y democratización de la ciencia a través de metodologías participativas.

A sabiendas de la asociación recurrente entre jóvenes y vulnerabilidad, la experiencia *envionera* defiende una concepción transformadora, diversa e inclusiva sobre las trayectorias de cada uno. Por eso consideramos importante concentrarnos en la problematización del concepto juventud para asumir una posición no reduccionista. Con increíble diversidad de propósitos, las juventudes han sido grupos estudiados por la ciencia desde que empezaron a ser considerados sujetos sociales en una etapa diferente a la infancia y la adultez (Ariés, 1995). Es una categoría ampliamente debatida como palabra (Bourdieu, 2002), etapa biológica

12 Cabe decir que el funcionamiento de cada espacio y la oferta de actividades dependen de la gestión municipal a quien corresponde las tareas de contratación y designación de partidas. En este sentido, la situación del programa en el barrio ha variado en función de las disputas y cambios político-institucionales y económico-sociales que atraviesan tanto la Provincia como la Ciudad.

13 El programa Jóvenes y Memoria es coordinado por la Comisión por la Memoria desde el año 2002. Está dirigido a escuelas y organizaciones sociales de la provincia de Buenos Aires y propone a los equipos de trabajo que elaboren un proyecto de investigación acerca de las memorias del pasado reciente o la vulneración de los derechos humanos en democracia. A partir de sus propios intereses, los jóvenes de este Envión realizaron investigaciones sobre la historia del barrio; las situaciones de violencia obstétrica; el estigma y la estereotipación de los medios de comunicación locales acerca del barrio, entre otras.

(Margulis, 1996), tiempo psíquico (Quiroga, 1999) o destinataria de políticas estatales o de mercado, por lo que una definición universal guiada solo por la edad es muy limitada¹⁴. En ese sentido, optamos por definirla como una construcción sociohistórica, cotidiana e imaginada que indica una serie de prácticas culturales determinadas (Chaves, 2010; Souto Kustrín, 2007; Pérez Islas, 2008). En su tesis sobre el Envión, Perilli (2023) señala que estar en una situación *vulnerable* no supone propiedades o características propias de los sujetos, sino que, por el contrario, es resultado de múltiples procesos socio históricos de vulneración de derechos. Por eso, lejos de querer reproducir esencialismos estereotipadores (Pérez Islas, 2008) acordamos centrar la mirada en los itinerarios biográficos de estos jóvenes, a fin de abordar sus necesidades y demandas (Heilborn, 2006).

Con esta conciencia terminológica, la modalidad participativa del proyecto se comprometió con el reconocimiento de la capacidad de agencia de sus protagonistas. Siguiendo la concepción freireana de producción de conocimientos, buscamos reemplazar la visión transferencista por una dialógica que cuestiona las fronteras entre “expertos” y “legos” propias del modelo deficitario de comunicación científica (Cortassa, 2017). Asumimos en cambio otro tipo de relación con los públicos que bien define Nieto-Galá en su libro *Los Públicos de la Ciencia* (2011):

Lejos de categorías rígidas, supuestamente separadas por una frontera nítida entre creadores y receptores de conocimiento, los públicos de la ciencia aluden a esa continua realimentación entre los diferentes actores en juego en cada momento histórico, a ese proceso de exposición y debate continuo de ideas como base intrínseca de la legitimación del saber y consolidación de la autoridad científica en las sociedades occidentales, como un hito clave de nuestra modernidad. Una vez perforadas las murallas entre los que saben y los que no saben, nos convertimos todos, en un momento u otro, en “públicos” de la ciencia: estudiantes, visitantes, espectadores, usuarios, pacientes, pero también divulgadores, amateurs y expertos de un determinado corpus intelectual (Nieto-Galá, 2011, p. 15-16).

Entonces, el primer movimiento fue establecer un diálogo extenso y profundo con los sujetos para entender cuáles eran sus inquietudes, sus necesidades, sus intereses en torno a la vinculación con la universidad y con AEC. El punto central fue la toma de decisiones situadas de los sujetos cognoscentes para la identificación conjunta de problemáticas y la organización de alternativas de mejoramiento. Para ello, la planificación se co-construyó, es decir se generó a partir de acuerdos con el Envión con quienes evaluamos las intervenciones y actividades. El efecto esperado fue la participación activa en la comunidad de

14 A escala internacional existe un corpus vasto de estudios sociales sobre juventudes dedicados a temáticas tan variadas como sus hábitos de consumo y ocio, la psiquis, la asistencia, la escolarización, la organización política o la penalización. Para el estudio de jóvenes en situación de vulnerabilidad social en Argentina ver: <http://redjuventudesargentina.com/>.

práctica advirtiendo que las formas de adquirir conocimientos y habilidades están atravesadas por la clase, el género, la etnicidad y la edad. Desde una perspectiva cotidiana de educación, la acción contempló las diferencias entre aprendices y expertos como posiciones sociales derivadas de la práctica en arenas transepistémicas (Knorr Cetina, 1996). Por consiguiente, en estos espacios de sociabilidad se reformuló el esquema del déficit a través de vínculos interpersonales establecidos de manera más o menos permanente y con el foco puesto en las trayectorias educativas desiguales (Kaplan; Leivas Argentina, 2022). Esta lógica favorece el aprendizaje situado (Lave; Wenger, 1991; Peña Ochoa; Bohonomme, 2018; Lopéz et al., 2021), porque se reconocen los sentidos depositados en estas experiencias educativas y sus vínculos personales con el contexto en el que están insertos. En el mismo sentido, estos procesos responden a una concepción situada del conocimiento (Díaz Barriga, 2006), en tanto se construye mediante actividades arraigadas en el territorio en que la cultura se desarrolla y en su contexto de uso.

Con este propósito, la atención a las condiciones de educabilidad necesarias para el desarrollo de experiencias educativas significativas fue relevante para garantizar el acceso a las ciencias: el trabajo de contención continua del Enviñon intentó mitigar la vulnerabilidad para una distribución más equitativa del conocimiento (López; Tedesco, 2002). En la misma línea, la equipo de AEC se adaptó a la dinámica *envionera* persiguiendo el objetivo de acercar la ciencia mediante intervenciones que muestran tres componentes: 1) el aspecto político, ya que busca recrear el vínculo entre la ciencia y la sociedad; 2) el elemento cognitivo, se generan adaptaciones para llegar a públicos no especializados; y 3) el componente creativo, estimulando a las audiencias no especializadas a producir adaptación para su vida cotidiana (Fayard, 2003). En lo que sigue, puntualizamos distintos momentos de estas prácticas territorializadas en los que la historia y la arqueología fueron saberes disciplinares que operaron en el marco de cotidianidad construido por el Programa Enviñon y resignificado por los jóvenes.

¿Qué historia contar de los barrios?

“Queremos que vengan al *barrio*” dio comienzo a *El mundo en mis ojos* y condujo al segundo movimiento: acercarnos al lugar donde viven los jóvenes. De nuevo, los múltiples sentidos adjudicados a la palabra invocan una aclaración acerca de su uso.

Si contemplamos los marcos definitorios de las políticas públicas a escala local, la bibliografía muestra múltiples criterios y enfoques para abordarlo teóricamente (Tapia Barría, 2015). Desde una perspectiva de análisis internacional, la atención al barrio como unidad de intervención pública surge a fines del siglo XX al calor de la instauración de los regímenes neoliberales en el mundo con el objetivo de enfrentar la pobreza y la vulnerabilidad (Tapia Barría, 2015). Identificados como agregados poblacionales con características socioeconómicas similares y nodos de marginación frente a las reformas estructurales, esta mirada prioriza la integración social en un proceso inestable. Aunque es cierto que el

debilitamiento y la pérdida de lazos sociales son una problemática acuciante en el barrio, la dinámica propia del Envión incitó a reemplazar esta mirada crítica, tendiente a considerarlas como políticas pensadas para reproducir el propio sistema, por una situada y centrada en los agentes no exenta de conflictos. Estas tensiones se expresan en la distancia que existe entre el diseño de las políticas públicas y la articulación situada en el territorio, las disputas políticas entre la gestión provincial y municipal y en la forma de implementar las directrices de los profesionales que conforman los equipos.

En esta línea, decidimos poner el énfasis en *aquello que nombra*: su uso apunta a un código cultural compartido por el grupo que delimita un *adentro* y un *afuera* al mismo tiempo que designa un sentido de colectividad. El significante *barrio* emerge como una categoría nativa de uso común para los jóvenes del Envión, una realidad concreta cuyo significado se fortaleció con el trabajo del Envión y consolidó un sentido de *lo propio*. En esta trama, el significante tuvo sentido en una relación afectiva compuesta por objetos, lugares y personas que cambian y se redefinen constantemente.

Volvemos al inicio: “*Queremos que vengan al barrio*” alude a *otros* que lleguen y un *nosotros* deseante. Este descentramiento que invirtió la construcción de alteridad desde una posición no hegemónica nos insertó en un circuito epistémico distinto y movilizó otra lógica de producción de saberes. Nuestras tardes allí nos comprometieron en acciones, todas, dirigidas a aprehender y transformar este espacio social de pertenencia y cotidianeidad (Hernandez; Cingolani; Chaves, 2015) porque un grupo de jóvenes se propuso *contar su historia*. Lo cierto es que los *pibes* ya estaban involucrados en la transformación física y simbólica de los relatos sobre los barrios a través de distintos proyectos, como el ya mencionado de Jóvenes y Memoria¹⁵. Todos ellos apuntaban a la elaboración de una narrativa propia y en disputa con los discursos estigmatizantes asociados a la peligrosidad, la violencia y la delincuencia de la zona sustentados por los medios de comunicación hegemónicos locales¹⁶. Por la enorme visibilidad de estos portales y su

15 Durante la etapa 2016-2019, se han presentado distintos proyectos a las convocatorias de Jóvenes y Memoria (Comisión Nacional por la Memoria). Entre ellos, cabe destacar: “B° Stella Maris: entre el orgullo y la condena” (2016), “Mi vecino, el extranjero” (2017), “Calmate, mamita” (2017), “Militando el ajuste” (2018) y “La Junta” (2019). A su vez, existen otros trabajos que expresan nuevos relatos sobre los jóvenes y los barrios como “Los chicos de Stella Maris tenemos derecho” (2015), “Envión Bahía 2016” (2016) y “La Patria – Prilutzky Farny” (2018).

16 El relevamiento de noticias sobre el barrio Stella Maris en los portales de noticias locales y nacionales muestran estos títulos: “Stella Maris: siguen los problemas por los terrenos” (17/10/2008) <https://www.lanueva.com/nota/2008-10-17-15-8-0-stella-maris-siguen-los-problemas-por-los-terrenos>; “Mejora la beba que fue abusada en Stella Maris” (07/12/2012) <https://www.lanueva.com/nota/2012-12-7-9-0-0-mejora-la-beba-que-fue-abusada-en-stella-maris>; “Un chico, quemado dentro de un auto” (2012) <https://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-131636-2009-09-12.html>; “Prenden fuego a chico de 13 años en Bahía Blanca” (12/09/2012) <http://www.radiosobrenivel.com.ar/prenden-fuego-a-chico-de-13-anos-en-bahia-blanca/>; “Condenaron a 30 años de prisión al padrastro de la beba abusada” (21/04/2014) <https://www.lanueva.com/nota/2014-4-21-13-10-0-condenaron-a-30-anos-de-prision-al-padrastro-de-la-beba-abusada>; “Crece la inseguridad: importante

poder simbólico en la nominación de los lugares, decidimos organizar intervenciones que recuperaran las memorias jóvenes asociadas a distintos sitios. Todas ellas fueron proyectadas en el espacio público por ser el marco integrador de la vida social que es al mismo tiempo lugar de diálogo e interacción donde actores diversos se expresan mediante enunciaciones, éticas y estéticas propias (Zapata *et al.*, 2014); y escenario de cristalización y reproducción de las tensiones de la estructura social. Como tal, ese tejido social estaba anclado en un territorio que no podía ser considerado meramente como un espacio “urbanizado”, sino que era sobre todo su uso social lo que lo convertía en territorio integrado por lugares (Cantero *et al.*, 2000). Siguiendo este planteo, cualquier intervención allí adquiriría un carácter político ya que habilitaba nuevos usos y representaciones.

Recuperar las experiencias colectivas, las historias de sus habitantes y las estrategias comunitarias a través de las voces jóvenes nos orientó hacia la problematización de las memorias barriales. Esto implicó la construcción de una conciencia histórica (Rusen, 2007) es decir la capacidad de interpretar la experiencia social en el tiempo y situarse en una trama de relaciones temporales con una finalidad de reconocimiento. Concretamente, el grupo identificó una narrativa adjudicada al barrio y a los vecinos que denominamos memoria hegemónica en tanto seleccionaba elementos del pasado en función de otros intereses político-ideológicos vigentes (Ramos; Crespo; Tozzini, 2016). En estas narrativas, ellos identificaron una cadena de equivalencias entre joven-pobre-peligroso-delincente que naturaliza la marginación y legitima medidas de seguridad dirigidas a la protección de la propiedad a la vez que resta a los sujetos toda capacidad de cambio. Entonces, la iniciativa buscó potenciar otros recorridos, visibilizar derechos incumplidos y dar lugar a memorias subalternas (Crespo, 2016). En este sentido, la revisión de los discursos públicos sobre el barrio a través de objetos y lugares fue entendida como trabajo de memoria (Jelin, 2002) sobre los sentidos adjudicados a ese pasado desde su propio lugar histórico. Así, el involucramiento de los jóvenes en estas operaciones de memorialización se transformó en una herramienta de disputa en el marco de conflictos por derechos, justicia, reconocimientos de la diferencia, sentidos de pertenencia y proyectos políticos alternativos.

Este proceso implicó recorrer sus calles, analizar sus espacios, conocer sus orígenes y resignificar la historia desde una mirada que pueda valorizar la construcción colectiva y comunitaria. También significó establecer los vínculos entre el presente y el pasado a través de la observación y la reflexión sobre la cultura material y el paisaje como referentes teóricos de la arqueología. En su historia disciplinar, el trabajo arqueológico consideró al mundo objetual desde diferentes

robo en el barrio Stella Maris (28/03/2016) www.delabahia.com.ar/crece-la-inseguridad-importante-robo-en-el-barrio-stella-maris/; “Dos motochorros quedaron detenidos en el Barrio Stella Maris (27/02/2018) <http://www.delabahia.com.ar/>; “Recuperan lo robado en la sociedad de fomento del barrio Stella Maris” (21/07/2018) www.frenteacano.com.ar/m/ver.php?k=194802;

enfoques que guiaron explicaciones de tipo funcionalistas, semióticas o interaccionales. En ello, la interpretación del registro requiere de la reconstrucción de sus contextos de uso y significación a la vez que impone un ordenamiento y una clasificación (Acuto; Franco Salvi, 2015). De esta manera, la arqueología advierte acerca de los múltiples procesos de transformación que concentran las cosas. Más que el reflejo o la expresión directa de las realidades pasadas y presentes, la materialidad es concebida como una dimensión constitutiva de la relación entre las personas y las cosas y son evidencia de la comunicación no-verbal y de la construcción de relaciones, redes y prácticas sociales en el espacio. En este caso, la percepción del barrio dirigió la indagación colectiva hacia el paisaje con la intención de reconocer los sentidos que condensa y los mecanismos de apropiación simbólica de estos territorios en disputa (Orejas Saco Del Valle; Ruiz Del Arbol, 2013).

Bitácora de un viaje

I. Trazar el camino

Con este diagnóstico, nos insertamos en sus rutinas a escala barrial para empezar a hilvanar intervenciones concretas. La decisión metodológica de realizar talleres participativos invoca un proceso activo de transformación recíproca entre los participantes que busca generar co-creación a través del arte y otras disciplinas (Pupio, 2021; Arriagada, 2021). En este proceso de expresión creadora (Abarca Alpizar, 2016), abordamos la materialidad de los objetos y los cuerpos que los producen y utilizan con el fin de entender la historia social desde un hacer concreto del presente. La primera acción fue caminar como acto material y metafórico que irían construyendo una nueva cartografía barrial, ahora desde la perspectiva de las y los jóvenes. Definimos al acto de deambular como un posicionamiento crítico, artístico y pedagógico, y por tanto un acto político de apropiación como sostiene De Certeau (2000) y una práctica estética (Careri, 2002), con la intención de generar conocimiento y transformación del entorno vivido. Desde perspectiva de Ingold (2015), nos asumimos caminantes como nuestro modo fundamental de ser en el mundo para construir una cartografía social de forma colaborativa. Es así que en grupos y en distintos días, caminamos por el barrio para recolectar datos destinados a la elaboración de una cartografía barrial enfocada en los recorridos cotidianos y las memorias asociadas a distintos espacios físicos: el Enviñon, las esquinas, la canchita, la garita, el pozo con objetos perdidos, la huerta, el chatarrero, la plaza, el kiosquito (Figura 2). Se inauguró una situación educativa en las calles donde la propuesta fue reconocer los lugares más significativos para los pibes mientras que nosotras registrábamos las anécdotas. En este proceso educativo, el andar habilitó una pedagogía del movimiento (Freire, 2003) que no sólo requirió observar, sino que permitió una perspectiva crítica del espacio habitado por la juventud. Caminar por sus calles nos aproximó al mundo real y al imaginado,

a aquello que veíamos y a lo que deseábamos ver, a lo que nos gustaría cambiar o proteger (Pupio; Marinetti; López, 2022).

En este proceso, la mirada de otros que llegan con la pregunta qué quieren contar del barrio movilizó anécdotas trágicas, historias de organización colectiva (asociadas a la huerta comunitaria), identificación de etapas de mayor o menor violencia protagonizadas por grupos y la policía, relaciones entre la situación social barrial y la coyuntura económica local, provincial y nacional, la referencia a hábitos recreativos (por ejemplo: en la esquina, en el pozo o en la canchita) y el reconocimiento de la impronta que tuvo el Enviñon para los pibes. También los coordinadores del Enviñon indicaron algunos contrastes en las condiciones habitacionales de los barrios que circunvalan al Stella y al 9: lo bello de las casas o las calles asfaltadas. Como práctica extensionista, esta experiencia colectiva de construcción de conocimiento fundada en los saberes de los jóvenes constituyó una pedagogía territorializada (González et al., 2016) cuya potencia radica en el pensamiento situado y contextualizado histórica y políticamente para el desarrollo de lógicas contrahegemónicas (Cabaluz Ducasse, 2015).

Figura 2 – Fotografía de uno de los recorridos hacia el denominado Pozo de los objetos perdidos (2021)



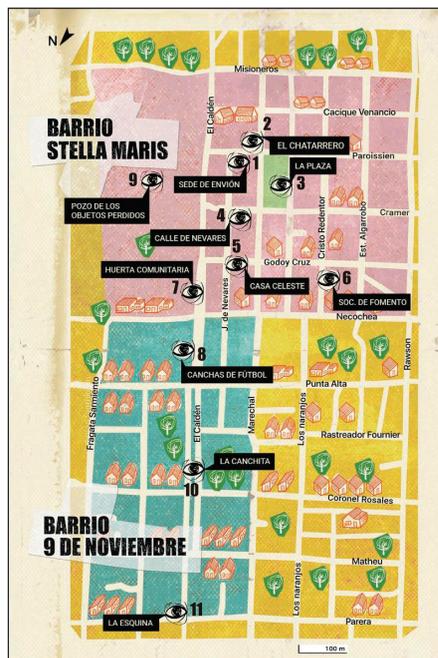
Fuente: Foto de las autoras.

El mapeo social fue la metodología participativa que nos permitió reconocer las particularidades e identificar tensiones en los modos de vivir, sentir y mirar los lugares entre los propios integrantes del barrio y del Enviñon. El mapa es un dispositivo visual que reúne un conjunto de datos sobre el territorio. En sus trazos esconde relaciones de poder que pueden ser reinterpretadas a través de otras modalidades de producción cartográfica. Siendo conscientes de su potencia creativa, la cartografía barrial facilitó el intercambio de experiencias y prácticas entre

los sujetos participantes en la construcción de nuevos sentidos espaciales (Diez Tetamanti; Chanampa, 2016). Con esta lógica, el mapa es más que un reflejo de lo visto sino un articulado de tramas vividas, imaginadas y tangibles en un territorio que asimilamos andando. Esto implicó crear algo nuevo para resignificar las formas de representar la ciudad desde la perspectiva joven que puso en cuestión la asociación barrio-periferia-vulnerable-marginal representado en mapas que pueden reforzar estos imaginarios, como el RENABAP¹⁷.

Como se observa en la Figura 3, el mapa reúne una selección de lugares atravesados por la dimensión afectiva y vínculos interpersonales en un recorte espacial y temporal definido por los pibes del Envión. Tal es así que la elaboración de un mapa del barrio reveló itinerarios culturales particulares, en donde los sujetos dotaron de significado a lugares que otros grupos conciben distinto. En este sentido, el barrio es considerado un territorio de memoria en el que se cristalizan imaginarios sociales en una trama de disputas de sentidos sobre el pasado que se manifiesta a través de lo que se recuerda y lo que se olvida (Da Silva Catela, 2014).

Figura 3 – Versión final del mapa del Barrio (2022), elaborada por los jóvenes del Envión



Fuente: Mario Madies.

17 El Registro Público Provincial de Villas y Asentamientos fue creado en el año 2015 por la Subsecretaría de Hábitat Social de la Comunidad (antes conocida como Subsecretaría Social de Tierras, Urbanismo y Vivienda), que funciona en el marco del Ministerio de Infraestructura de la Provincia de Buenos Aires. Actualmente se denomina Registro Nacional de Barrios Populares de la República Argentina: www.argentina.gov.ar/desarrollosocial/renabap/mapa

II. Mirar y fotografiar paisajes barriales

Acordamos que lo siguiente era trabajar sobre las miradas y proyectamos la realización de talleres de fotografía. Con el inicio del Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio (ASPO) en marzo del 2020, la presencialidad de estas actividades tuvo que reconfigurarse en un esquema virtual que cambió las relaciones cara a cara por *chats* de *WhatsApp* para mantener la red afectiva¹⁸. Con la intención de ofrecer una guía para tomar fotos con celulares se reemplazaron los talleres por tres videos tutoriales de pocos minutos¹⁹.

En la medida que la circulación reducida por la pandemia lo permitiera, la consigna de trabajo fue registrar los *paisajes barriales* en un ejercicio de reconocimiento de esos fragmentos de espacialidad que condensan relaciones sociales (Orejas Saco Del Valle; Ruiz Del Arbol, 2013). Sin olvidar el objetivo primordial de fundar otra narrativa sobre el barrio, la fotografía contribuyó con la identificación de distintas facetas de esa realidad material sintetizadas en una imagen. El gesto de mirar y fotografiar una escena funcionó como un mecanismo de apropiación simbólica del territorio. Al respecto, los estudios de arqueología del paisaje advierten sobre el papel activo de la percepción en la legitimación del espacio tanto hacia el interior de la comunidad como hacia el exterior a través de la sacralización de ciertos elementos naturales o artificiales y la configuración de mapas mentales en los que se marcan jerarquías, centros y periferias (Orejas Saco Del Valle; Ruiz Del Arbol, 2013). En nuestro caso, las líneas del horizonte, los cables de suministro de electricidad, la silueta de los árboles y los yuyos o el arroyo Napostá son ejemplos de esta selección de elementos bellos, distintos o relevantes para el ojo joven.

Del conjunto de jóvenes participantes de la actividad, nueve decidieron que querían mostrar sus capturas y uno de ellos, Mauro Lara, escribió sobre su propia producción. Inicialmente habíamos pensado en talleres de escritura creativa, pero la situación presupuestaria del Envión y el recambio generacional y de los equipos de talleristas y coordinación hizo que reformulemos la estrategia. Así, lo que al principio sería un taller de escritura derivó en una convocatoria a poetas locales para trabajar sobre el contenido de las fotos. Ocho escritoras compusieron poemas sobre los paisajes cotidianos que colaboraron con la revisión de los imaginarios sobre el barrio. De esta forma, los poemas colaboraron en la construcción de esos universos simbólicos a través de un ejercicio de traducción de la imagen. Así, el lenguaje poético operó como medio para educar, como una pedagogía de la expresión (Akoschky et al., 2002) que visibilizó la capacidad creativa de los jóvenes en su proceso de construcción identitaria. Exceptuando el proceso de

18 Ante la pandemia de COVID-19 declarada por la Organización Mundial de la Salud en 2020, el Poder Ejecutivo dispuso ampliar la emergencia pública en materia sanitaria establecida por la Ley 27.541 mediante Decreto 260/2020. A grandes rasgos, la medida consistió en la restricción de la circulación para evitar los contagios.

19 <https://elmundoenmisojos2022.wordpress.com/tercera-parada-taller-de-fotografia/>

escritura de Mauro, el diálogo entre fotógrafos y poetas no fue cara a cara, sino a través de la obra como expresa el poema de Dámaris Chamorro en su encuentro con la fotografía de Thiago Casabona:

*¿Qué nos comenta la foto
Una posible definición de fotografía podría ser:
la captación del tiempo, como si ese recorte temporal
que llamamos “instante”, quedara atrapado en una imagen.
Entonces ¿qué nos dice esta foto de ese instante?
Primero, muestra la repartición equitativa
entre lo celestial y lo terrenal
como si el cielo no fuese infinito por un momento
y se igualara a la porción de ciudad vista de lejos
junto a un trozo de suelo.
Segundo, un débil sol de atardecer
protagonizando el centro de un
gran espectáculo de matices que hacen participar
también con sus colores a las nubes.
Tercero, rocas y desniveles
en el costado derecho que nos hace cuestionarnos
sobre si el modo en que están ubicados es
por mano del hombre o de la naturaleza.
Por último, nos surgen las preguntas:
¿Será que si nos parasemos en esas rocas
el viento nos despeinaría más libremente?
¿Será que en aquel lugar sentiríamos cómo
un aire más limpio envolvería nuestros pulmones?
¿Será que Thiago habrá percibido algo parecido a todo esto
en ese recorte de tiempo, llamado instante, que le llevó sacar la foto?²⁰*

Estos encuentros fueron una guía para ver y sentir el barrio desde el arte, al mismo tiempo que se convirtió en un medio para plantear otros sentidos sobre el espacio público: sólo este género puede condensar toda la naturaleza de los mundos en una breve cantidad de líneas, a través de pocos versos donde está toda la fuerza necesaria para contrarrestar la desmemoria (Pupio; Marinetti; López, 2022).

III. La muestra en el barrio

El ciclo del proyecto concluyó con la creación de un dispositivo de comunicación Web que difundiera su desarrollo (Pupio; Marinetti; López, 2022) y el montaje de una exposición de fotopoesía en la Sede del Enviñon Stella Maris-9 de noviembre.

En primer lugar, la intersección entre la escritura poética y el enfoque etnográfico funcionó como una estrategia para articular una narrativa que diera cuenta de la multivocalidad del proyecto. Desde esta aproximación cualitativa buscamos reponer los matices de nuestras prácticas en el barrio a través de un lenguaje literario que pusiera el foco en todo el proceso de conocimiento. Para ello, utilizamos la plataforma Wordpress que nos permitió crear interfaces accesibles para diversos públicos. Si bien estamos lejos de aquello debatido y puesto en marcha por grupos de comunicación de la ciencia y museos, avanzamos con descripción de las fotografías en texto y audio como ejemplifica la Figura 4²¹.

Figura 4 – Fotografía: Nehemías Jara Canario | Poesía: Roberta Iannamico

Conversan de nubes rosas
 La copa del árbol y el techo de la casa
 El sol se desplaza y los deja en eclipse
 Conversan en voz baja
 El árbol despeinado y la señora casa
 Mientras pasan nubes rosas
 Nubes doradas

Audio poesia



Descripción de la foto: la imagen muestra un cielo negro, oscuro en la parte superior. Hacia el centro de la fotografía el cielo se hace naranjado. Allí se destaca la copa de dos árboles grandes, dos pinos a los lados, y dos luces, de una ciudad.

Descripción de la foto

Fuente: elmundoenmisojos2022.wordpress.com/2022/09/08/nehemias-jara-canario-x-roberta-iannamico/

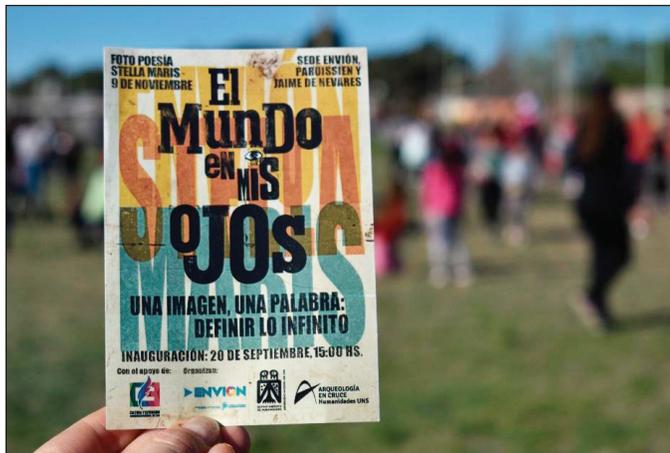
En paralelo, organizamos el montaje de una muestra barrial que congregó todas las producciones artísticas para concluir este ciclo de trabajo con los jóvenes. Entendida como una museografía nómada (Pupio, 2021), esta intervención en una trama de acción comunitaria reformuló la tradicional relación entre museos y su patrimonio por una orientada hacia la interpretación colectiva de la realidad y de la historia (Chagas, 2007; Bang, 2013). Desde el enfoque de la museología social, la muestra operó como un producto simbólico para la articulación de las memorias barriales, por su potencia creativa en el ejercicio de una nueva imaginación poética y su compromiso político con el derecho a la cultura (Chagas, 2007; Artiguenave, 2019). Con la vocación de funcionar como una muestra itinerante,

21 Este es un camino seguido por el equipo desde hace algunos años con motivo de la segunda edición del manual *¿Qué nos hace humanos? Un manual para pensar(nos) en las aulas*, que fue virtual y tuvo los ajustes requeridos para lectores de pantalla (Pupio: Alonso Alcalde; De La Fuente, 2021).

el diseño contempló la utilización de materiales desmontables para su colocación en espacios de congregación como lo fue el salón del Envión.

Puesto que las cosas tienen un lugar central como soporte de memoria (Huysen, 2002), la muestra barrial “El mundo en mis ojos” formó parte de los procesos de construcción de patrimonios, en tanto son considerados como un sistema de símbolos en disputa permanente que permiten a los miembros de una comunidad conformar concepciones sobre su identidad (Colombo, 2020). En ese sentido, las fotopoesías se constituyeron como una referencia estable en el espacio público que condensan sentidos relativos a la experiencia joven en ese territorio.

Figura 5 – Volante de difusión de la exposición El Mundo en mis ojos. Una imagen, una palabra: definir lo infinito. Repartidas el sábado 20 de septiembre en el Barrio Stella Maris



Fuente: foto de las autoras.

Para la inauguración se invitó a la comunidad para que viera y disfrutara el fin del proyecto (Figura 5). Fue una fiesta en la que participaron los jóvenes, vecinos, autoridades municipales, provinciales y universitarias (Figura 6). Como en toda exposición hubo un discurso de agradecimiento y, en nuestro caso, fue Mauro Lara quien tomó la palabra:

Espero que disfruten el proyecto porque fue un proyecto lindo, re largo. También es para que vean otro punto de vista desde el barrio. Que no siempre Stela Maris es un barrio de mala fama, sino que tiene buenas vistas, tiene buenos lugares, tiene lugares que, para nosotros, en particular en el barrio, tienen un valor significativo y sentimental que lo podemos expresar a través de esto... porque no hay otra forma más visual o más compacta para que la puedan sentir como la sentimos nosotros. Entonces, por ahí está bueno que este espacio que se dio

y que nos costó mucho... porque fue eso: salir a caminar, con calor, con viento, con frío, sacar fotos con tierra... eh, yo sentarme a escribir... Belén que me escribía ¿escribiste lo que necesitan que escribas? que escriba, que escriba. Fue un proceso largo, tedioso... pero bueno estamos acá y espero que lo disfruten. Agradecerles a todos los que estuvieron, a los que no están, como el equipo de envío que ya no está completo como era antes, que hay gente nueva. Espero que esto no se quede, que siga, que sigan creando proyectos así de lindos y así de inclusivos, porque formamos parte todos, desde el más chico al más grande, todos sacamos fotos, todos dieron su opinión, todos hicieron un poco lo que sentían y espero que eso no se pierda.

Figura 6 – Inauguración el 20 de septiembre de 2022



Fuente: Fotos de las autoras.

La historia y la arqueología públicas: entre lo transversal y lo emergente

En este apartado nos interesa retomar algunos aspectos de la reflexión sobre los vínculos interdisciplinarios entre la Arqueología y la Historia (Isayev, 20026) para plantear el cruce entre marcos conceptuales y metodológicos propios de la Arqueología Pública y la emergente Historia Pública. Ya sea por la complejidad

de los problemas sociales contemporáneos o por la alta especialización de los campos disciplinarios (Follari, 2001), uno de los requisitos comunes en las convocatorias a proyectos de investigación o de extensión en ciencias sociales involucra el desarrollo de trabajos interdisciplinarios. Nuestra experiencia sugiere que la transdisciplinariedad es complementaria al enfoque disciplinario porque habilita una trama interpretativa que precisa del uso de nociones y operaciones metodológicas para el abordaje holístico de procesos sociales y culturales.

En principio, la construcción de memorias y patrimonios junto a los jóvenes del Envió implicó revisar las distintas acepciones disciplinares sobre lo público y los públicos en los procesos de activación patrimonial desde la perspectiva de multivocalidad ampliamente desarrollada por la arqueología sudamericana (Rivolta et al., 2014). Con este enfoque de la práctica científica, interrogamos los discursos públicos acerca del pasado y sus implicancias en la construcción de identidades sociales a través de un vínculo con los jóvenes sostenido por metodologías participativas. Estas estrategias fomentaron la generación de un nuevo tipo de saberes donde el arte y los conocimientos disciplinares pudieron atravesar la vida cotidiana y abrieron la posibilidad de construcción de la subjetividad desde otro orden.

En particular, la arqueología posee un potencial como herramienta teórica para generar una visión de la historia alternativa a los discursos hegemónicos sobre la historia, la cultura y las identidades locales a partir del uso de una perspectiva espacial y temporal amplia. En concreto, los conceptos de cultura material y paisaje operaron como vehículos teóricos en el proceso de activación patrimonial en el espacio público.

Por su parte y con una trayectoria novel en Argentina, el campo de la Historia Pública comenzó a repensar las prácticas historiadoras para y con los públicos (Torres-Ayala, 2020). En las acciones desarrolladas durante el proyecto, pensamos que en el trabajo mancomunado con los jóvenes fue fundamental entender que la memoria no es solo una experiencia subjetiva del tiempo sino una forma social de conocimiento del pasado. Entonces, el trabajo de memoria motivó la revisión de discursos periodísticos y la realización de entrevistas orales, lo que hizo visibles algunas operaciones propias de la construcción del discurso histórico. Este ejercicio puso en cuestión quién es el sujeto de referencia en el relato histórico de Bahía Blanca asociado a una pujante ciudad inserta en el circuito de movilización de grandes capitales (Rufer, 2014). Ello no ignora la posición del historiador como autoridad científica en la escritura de la historia, aunque la participación de otras voces en el proceso acerca al público la posibilidad de decidir acerca de los sentidos políticos de esas narrativas.

Sin olvidar sus historias disciplinares y sus tradiciones metodológicas, la trama barrial hizo permeables los límites entre ambas y potenció su capacidad explicativa a través de conceptos bisagra como memoria y patrimonio. Si bien la trayectoria de la arqueología pública en Argentina proveyó un marco teórico para

revisar el vínculo con los públicos, el camino de la Historia Pública se muestra cercano a estas discusiones y es un terreno fértil para el planteo de interrogantes sobre el oficio de historiar. Desde una perspectiva interaccional y cultural de la ciencia (Pupio, 2021), en estas páginas compartimos algunos cruces y reflexiones disciplinares en el marco de los proyectos de investigación y extensión que llevamos adelante que serán los puntos de partida para acciones futuras: ¿es posible pensar escenarios de interacción social como arenas transepistémicas en los que la arqueología y la historia cooperan en procesos de organización comunitaria?

Agradecimientos

Este trabajo fue posible gracias a los subsidios PGI SeCyT UNS 24/I276 (2019-2023), PICT 2021-0116 (2023-2024) y PICT 2019-1287 (de ANPCyT).